

(Editor)
P. B. SALGUEIRO

ASSINATURAS

Ano 65 cent.
Semestre 32
Trimestre 18

(PAGAMENTO ADIANTADO)
AVULSO, 1 CENTAVO

O Viroscas

(Ridendo castigat mores)

SEMANARIO IMPARCIAL COM PREVENÇÕES A HUMORISTICO

Proprietario, director e administrador: — ARNALDO JULIO MARTINS

Redacção e administração: — Rua da Avenida, n.º 6 — Composição e impressão: Tipografia Caldense de José da Silva Dias — CALDAS DA RAINHA

PUBLICAÇÕES

Anunciam-se todas as publicações de que se recoba um exemplar.

Accepta-se toda a colaboração, desde que não fira a nota politica nem ofenda susceptibilidades, não se devolvendo porem os originaes, ainda que não sejam publicados.

Uma boa iniciativa

Lemos no «Seculo» que a Sociedade de propaganda deseja fazer toda a diligencia para chamar estrangeiros ás terras e praias, principalmente aqueles que pertencem aos países que se acham quasi arrasados pela horrivel guerra.

Tambem o artigo nos diz que foi enviado uma especie de questionario a todas as praias e terras affim destas declararem o que mais necessitam.

Ignoramos se a nossa vila está ao facto do tal questionario; estamos certos que as nossas terras não seriam esquecidas. Ora perguntaremos: que respostas deram?

Isto é um assumto que importa a todos nós, e muito desejaríamos que fivessem respondido com legitimo interesse.

A nossa vila, representa um papel muito importante, o seu passado historico, a importancia das suas aguas, devessem fazer dela um ponto de reunião para todos os estrangeiros que possam vir a Portugal.

Perto da capital não existe outra terra que tenha a serie de recursos que tem as Caldas da Rainha. Alem disso possui bem perto duas magnificas praias, Foz do Arelho e S. Martinho do Porto; situadas qualquer delas em regiões verdadeiramente pitorescas, não falando nos passeios á Batalha, Alcobaca, Leiria, Obidos, Peniche, etc.

Torna-se necessario que o povo desta terra pense bem no futuro desta localidade. Outros avançam, valendo muito menos que a nossa vila.

Nada de adormecer, é preciso trabalhar com affincó, com amor; a situação actual é magnifica para que as nossas terras sejam visitadas por estrangeiros.

Todos que desejarem trabalhar, encontrarão em nós, forças e coragem para os acompanhar.

Lá fóra não existem melhores aguas que as nossas, pensem bem nisso.

Sogra minha...

Sogra minha, cõruja que partiste
Por certo não do genro descontente
Descança no inferno eternamente
Pois só agora eu deixei d'andar triste

Se acaso ao caldeirão tu já subiste
E Satanaz, teu dono, 'to consente
Accepta o meu perdão sincero, ardente
Já que á hora da morte me não viste

Mas se vires que pode merecer-te
Ser eterna a ventura que ficou
Ao teu genro contente de perder-te,

Pede a quem os teus annos encoutou
Que nunca mais de cá me leve a ver-te
Já que enfim dos meus olhos te levou.

Neves.



Com a devida venia transcrevemos do nosso presado colega «O Seculo Cómico», a seguinte

Carta de um boi

Recebemos a seguinte carta, destinada evidentemente a ser publicada.

«Sr. redactor:

Não posso por mais tempo conservar-me silencioso perante os atuais acontecimentos que dizem respeito a minha mulher, a sr.ª D. Vaca, cuja ausencia nos talhos dessa cidade tanto está impressionando os animais carnívoros.

Não querem os proprietarios daquelles estabelecimentos pagar a carne de minha virtuosa esposa por mais de 5 escudos e 10 centavos a arroba, alegando não sei que argumentos que jephó com toda a força comilera de que disponho.

Não são os estranhos os competentes para avaliar a carne de minha mulher; só a conhecem gorda, assada, em bifés, etc., quando o seu verdadeiro valor deve ser considerado em crua, como eu a conheço.

Algumas das suas partes, concordo que não valem mais que a referida quantia; mas a alcatra, por exemplo, o pejedouro, etc.? Fazem-se finos, os homens, quando se lhes pede um pouco mais por carne de vaca; mas, com franquesa, haverá carne de dama que valha 5 escudos e 10 centavos a arroba? Acaso se pode aproveitar esta como se aproveita a de minha mulher?

Pois saibam que enquanto me não chegarem ao prego a reservo só para mim; e desde já preveno os habitantes de Lisboa que, tambem pela parte que me toca estou disposto a pô-la mais cara. Aludo á sopa de rabo de boi, unica parte da minha classe que não querem de vaca.

De v. leitor assiduuo,
Capirete.

Calhava

Aquela «Arte de Montes» estava mesmo a pedir uma *piadinha de sol!*
Pois não estava?

Assuntos... ad hoc

(Originals, exertos, citações e transcrições)

Uma historia

Hoje, para variar, vai historia. Uma historia que eu desocantel nuns papéis velhos que ha dias estava folheando e que estava assinada por *Abo*, que, se não estou em erro, era o pseudonimo de Nascimento Correia, apreciado escritor teatral. Ora então lá vai:

«Amavam-se.

Acontece poucas vezes disto, mas ainda acontece lá de quando em quando.

Ela descendente em linha recta dum sangue azul qualquer, tinha, é verdade, o sangue já um pouco dessórado e desbotado, mas dava-lhe ainda vigor um certo número de contos de reis, de que os avós haviam cuidado mais do que do sangue.

Ele de sangue vermelho puro, e tão puro que nem os contos tinha.

Ganhava só 45\$000 reis por mês.

Claro estava que um partido assim não podia convir aos pés da bela.

Não só não haviam de ir misturar os sangue, dessórado o seu ainda mais, como não deviam consentir que a filha fosse viver daqueles miseráveis 45\$000 reis.

Não era para aquilo que a tinham educado tão bem, porque nem mesmo para aquilo, onde seia preciso dar pontos e dirigir os trabalhos da cozinha, ela estava educada.

Sabia francês e inglês, piano e bordados, tinha enfim uma educação primorosa, não havia por consequencia de gasta-la a calcular como lhe haviam de chegar os 45\$000 reis mensaes.

— Nada; aquilo não convinha.

E resolvida a coisa na cabeça dos progenitores, que leveisse o diabo a cotação da filha.

Epilogo:

Passados dias — o namoro estava acabado.

Passadas semanas — ele tinha arranjado outra *ela* e *ela* outro *ele*.

Passados meses — os 4 estavam casados, sendo a *ela* do *ele* dos 45\$000 reis, felicissima, e o *ele* da *ela* da educação primorosa, infelicissimo, porque se não entendiam nem amavam.

Passados annos — *ela* encontrou-se de novo com a *ela*, e zás, pás, favas contadas, adeus minhas encomendas.

Moral da coisa:

— Ora aqui está o que succede sempre que se dão destes casos.

— Conlere.

Arjumar.



Não sabemos!

Segundo relata o jornal *O Nacional*, o sr. Bernardino Machado meteu-se a conciliar as partes.

Não sabemos que as partes andavam em guerra!

Dá resultado

Alguns socios da «Assistencia socia contra os bigodes atrevidos», estão já sentindo os benéficos efeitos do bigode cortado.

Ha menino que já tem alguns quilos de peso a mais.

DE RASPÃO

Carta aberta ao actor Carlos de Sousa

Sr. Carlos de Sousa:

Aqui mesmo do outro mundo, no meio de tantas almas, vim a saber que está aí nas Caldas com uma companhia a dar uma série de récitas no teatro *Pinheiro Chagas*.

De vez em quando chegam-me notícias de que em Lisboa alguém se vai interessando pela minha obra, modernizando-se mesmo alguns dos meus autos. Não calcula que praser que sinto! Mas... eu não desejava que os meus autos fossem sómente representados nos grandes centros, desejava sim, que houvesse alguma companhia que os representasse nas vilas para que o povo humilde os conhecesse.

Estive nas Caldas, foi para essa linda terra que escrevi o meu *S. Martinho*, representado na Igreja Matriz. Oh! quantos anos já lá vão!

Porque razão não faz representar algum dos meus autos? Mesmo trechos? Creia que lhe ficaria muito reconhecido. Deus queira que esta lhe chegue às mãos.

Seu amigo velhissimo,

Gil Vicente.

Pela copia.

MIGUEL DA PONTE.

O último figurino

Do *Almocreve das Petas*—1910. (*)

Compram-se vinte metros de fazenda E esticam-se no corpo de uma dama, Fazendo alçar, com algodão em rama, Uns tufo de subtil, lavrada renda.

Compra-se muito arame numa tenda, Plumas e fitas mais de um kilograma, Põe-se tudo em montão num guarda lama E arranja-se uma rodá algo estupenda.

Monta-se em dois piões brunidos, Põe-se-lhe na cabeça a dita rodá, Em cima dos cabelos retorcidos.

Tudo isto em quatro barbas se acomoda E aqui tem o leitor, sem alaridos, O traje feminino hoje na moda.

Esculapio.

(*)—O *Almocreve das Petas* era o titulo dum folheto que se publicou ha tempos em Lisboa. Não confundir, pois, com um outro que existe actualmente por estes sitios.

Festa da Árvore

O nosso presado colega «O Merceanense» dizia no seu último número, a proposito da festa da árvore, o seguinte:

«Segundo nos consta, tem lugar no próximo domingo, nesta localidade, a festa da árvore, que este ano é exclusivamente promovida pelas professoras de ambos os sexos.»

Nunca vimos professoras de ambos os sexos! Será alguma especie nova?

Naturalmente são neutras! Serão, oh! colega?

A primeira carta

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o monologo que com este titulo publicamos na secção respectiva, devido á pena do nosso presado amigo, sr. Branco Lisboa, secretario de redacção do nosso colega local «O Defensor».

Que bem apanhados

Já repararam para as carinhas deles depois d' cortados os bigodos? Alguns ficaram tão simpaticos!

Sonho e realidade

Terminou a representação do drama e saímos do teatro.

Alberto estava alterado, inquieto; qualquer ao vê-lo, diria que realmente se haviam enraizado na sua alma os sofrimentos do protagonista da peça que acabavamos de ver representar.

Perguntei-lhe a causa e respondeu:

—Perguntas-me porque estou triste? Não te posso responder, quando eu proprio não sei, mas talvez seja porque a vil

—A Luísa?

—Sim, a ela!

—A meu vêr, era esse o motivo porque de verias estar mais alegre.

—Ah! que pouco me conheces! Eu não posso ser feliz, se não sonhando, e sinto que volto á realidade... e continuarei a sofrer!

—Quantes ideias aninhas em teu cerebro!

—Só me faltava que me julgasses um louco, ainda assim que me importa!

—Homem, se tu não...

—Fixaste bem o drama? Viste com quanto entusiasmo o Augusto desempenhou o seu papel?

—Sim; com muito jogo, com muita paixão. É um bom actor.

—Enganas-te; não é um bom actor; nem fingir soube. *Fez o papel sonhando*.

—Homem, com que, não fingia, trabalhando com sua mulher, sabendo, como sabe, que é ela uma fêrida, uma infame?

—Digo-te que não fingia. Alberto poderá odiar sua mulher; porém, naquella occasião não a odiava. Alberto não sofria; amava então, amava com paixão, com verdade...

Embragava-se ouvindo-a. Numa palavra: sonhava!

—Porém...

—Não sabes que esse homem sofreu muito? Pois esse drama é um balsamo para a sua dor. Repito-te que Alberto não fingia nessa peça. Vê sua mulher e não vê nela a perfida; adora, sim, a que noutros tempos o enganou com uns bajoladores. Está sonhando e vive o personagem com verdade... Só em sonhos se apresenta a nossa alma despida de hipocrisias; só em sonhos existe a verdade.

—Porém, diz: que analogia tem essas divagações com a atu tristeza?

—Difícil me será explicar-te. Tu sabes bem que adoro Luísa com ego entusiasmo, que nem um só momento a olvido...

A todas as horas procuro a solidão, o isolamento, para entregar-me a ela nos meus sonhos; só então góso quando a vejo junto de mim, falando-me com uma voz doce, muito doce... Que feliz sou naqueles momentos! mas logo desperto, são á rua, vejo-a, e crê, nesse instante daria a minha vida para a não ter visto.

—Como?

—Sim; o seu sorriso não é o sorriso que vejo em meus sonhos... o seu olhar, não é o olhar que julgava nas minhas visões...

—Então para que foste ao teatro no firme proposito de vê-la?

—Porque ali o seu sorriso é o sorriso que eu quero, o seu olhar o olhar que eu anseio!

—Não entendo!...

—Tem pouco que entender.

Luísa tem coração e acontece-lhe o mesmo que á mim; sente viver em seu interior os personagens da scena.

—E acreditas tu que chegará a querer-te como tu lhe queres a ela?

—Isso seria demasiada felicidade. Se assim succedesse, *veria realizados* os meus sonhos... seria feliz!

—Quem sabe! Tenho-te ouvido dizer varias vezes que a realidade é muito amarga.

—De certo; porém... é impossível que me ame! E se me amasse, não viverem unidos a realidade e o sonho? Pois viveríamos, juntos

Caldas há 22 anos

(DO TENTATIVA.)

De 22 de Dezembro de 1892

Alfredo de Pratt.—Vindo de Lourenço Marques, acha-se entre nós, este nosso amigo, filho do ex.^{mo} sr. Henrique de Pratt, director da estação telegrapho-postal nesta vila.

O sr. Alfredo de Pratt, já tem honrado as columnas do nosso modesto hebdomadario com algumas das suas produções litterarias.

Ao nosso amigo, as boas vindas.

Consta-nos que o sr. Visconde da Sacavem (José), vae montar n'esta villa, uma fabrica de louça de ferro esmaltado.

De 29 de Dezembro de 1892

Diversas.—Tem passado bastante incomodado de saude o nosso amigo João Vicente Pavão.

Desejamos-lhe o seu pronto restabelecimento. Está em Faro o nosso presado assinante José Eloy das Neves.

Tem passado o pouco incomodada de saude a Ex.^{ma} Sr.^a D. Paulina Rodrigues Santos, esposa do nosso bom amigo Manuel Pereira dos Santos.

Vão ser promovidos: a capitão de fragata, o nosso presado assinante o sr. Carlos Candido dos Reis; a primeiro tenente, o sr. Julio Botelho Moniz.

Teatro Pinheiro Chagas

Neste teatro realizou-se na passada segunda-feira a festa artistica dos artistas Berta e Pedro de Sousa, representando-se a desopilante comédia «Guerra às Sogras» e um acto de «Folies Bergeres», em que tomaram parte distintos amadores desta vila.

Na quinta-feira apresentou-nos a empresa uma interessante companhia canina, que desempenhou com muito agrado uma pantomima intitulada a «A Viuva Alegre», sendo o espectáculo completado pelas peças «Uma anedocta», «Capricho Feminino» e «Arte de Montes», desempenhadas pela companhia Carlos de Sousa.

Amanhã realiza-se a festa artistica de Carlos de Sousa, com as peças «Fugiu a Serafina» e «Mater Dolorosa»; abrirá o espectáculo com uma conferencia lida pelo beneficiado.

E' pena

A repartição da conservatoria desta comarca está optimamente instalada na rua Almirante Candido dos Reis, desta vila, num magnifico 1.^o andar.

Só tem dois pequenos deleitos. A entrada ser muito mansosa, por uma travessa e não pela rua principal, e o escritorio ser numa dependencia em que mal cabem os livros dos registos!...

e serjamos felizes!... e sendo felizes teria realisado o meu ideal, pois viveria sonhando. E a verdadeira felicidade é um sonho!

Não vejo as coisas por esse prisma, contudo...

Compreendo, parece-te mentira que possamos ser tão amigos, tendo ideias tão opostas, não é verdade? Pois somos mais do que isso; nós formamos um só ser: Eu sou a alma, o insondavel, a verdade, o *Sonho*; tu és o *corpo*, a superficie, a mentira, a *Realidade*!...

—Tens razão:

Sonho e Realidade

Extremoz S. Heltor. (autor)

TEATRO

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a J. D. de Azevedo, para esta redacção.

A primeira carta

Monologo

Uma carta?... E é para mim!...
De quem será?... Como palpita
O meu coração!... Porque sim,
Se fosse dele... É tão bonita

A letra!... E tão tentadora
É sua figura gentil!...
Mas com este traço infantil
Não me quer! Fosse eu já senhora!...

Mesmo assim, quando aqui passa,
Para sempre a olhar para mim...
Não que eu repare... Mas enfim,
Sempre a gente tem (não é graça)

Quem lhe diga as coisas... Que eu...
Espera! Agora me lembrou!...
Quando aqui de manhã passou,
A correr, de mim se escondeu!...

Não conhecem?... Tenho pena,
Queria a vossa opinião...
Se vissem a sua tez morenal...
Oh!... Não m'o roubavam, pois não!...

Ah!... Esta carta, esta carta!...
Diz-me o coração, num anseio,
Que devo abri-la antes que parta
O rapaz que leva o correio?

Não que eu queira responder!...
Ainda sou muito criança,
(É o papá que assim m'o affiança)
Para namorado já ter.

Devo abri-la, ou não?... Não sei!...
Se fala d'amor é de crer,
Como já mais alguém amei,
Que a não consiga entender...

De duvidas tenho medo,
E vou pedir-lhes um favor.
Se me juram guardar segredo
Digam: É muito bom o amor!...

Não dizem?... Vou á mamá
Perguntar. Ela m'o dirá!
Porque isto não é coisa vã,
É muito que pensar me dá!

Mas vou abri-la... Pode ser
Que não seja aquilo que penso.
Estou aqui há tempo imenso...
Já podi mui bem saber!...

3 Folhetim de O VIROSCAS

CASTRO DIAS

O Chá das Gomes

A noite estava tépida e serena, as estrelas scintilavam no azul do infinito, servira-se o vinho e os doces e a Fifi, a Néné e os dois caixeiros foram para a janela ciciar amores e admirar os astros.

Do que se passou naqueles inocentes devaneios não reza a crónica, mas diz-se que o anjo da pureza velará o rosto enrubescido e batera as brancas azas voando pelo azul em fôra.

A um canto da sala, alheados de tudo e de

Diz assim: «Minha senhora»
Minha senhora?... É bem verdade!...
Como o meu papá tem maldade!...
Dizer que sou, a toda a hora,

Criança para namorar!
Pois vou daqui dizer-lhe já,
Que mesmo nada faltará
Para eu—já se vê—me casar!...

(Dezembro-1914) Branco Lisboa

Para variar

O sexteto que está tocando no teatro—o mesmo que era regido pelo maestro Rodrigues—continua variando o repertório, tocando sempre a mesma coisa!

Estão aqui a dizer-nos ao ouvido que isto é mentira; já toca duas peças novas.

—Tem razão, não nos lembrávamos. Desculpem!

Scipião Heitor

Actor

Cumprimenta todos os seus amigos, oferecendo-lhe o seu limitadíssimo prestígio em

Estremoz

Foi sem querer

O nosso amigo Branco Lisboa escreveu um monologo, que devia ser recitado no espectáculo de segunda feira última pela atriz Isabel Silva, conforme estava anunciado. Foi ao teatro para o ouvir dizer, mas ficou a chuchar no dedo, porque afinal chucharam com ele.

Ouviu dizer muita coisa, mas nada do que tinha escrito.

Teatro Pinheiro Chagas

Companhia Dramatica Carlos de Sousa

Amanhã—15—Amanhã

Festa artistica do actor Carlos de Sousa.

Arte e artistas

Conferência sobre o teatro português, original do actor Antonio Pinheiro, lida pelo beneficiado.

A magnifica peça em um acto, de Julio Dantas

Mater dolorosa

e a opereta em 2 actos, de Vitoriano Chagas

FUGIU A SERAFINA

todos, conversavam a viuva e o amanuense-poeta. Este dizia-lhe em voz dulcissima:

—Oh! minha senhora V. Ex.^a é encantadora!

«V. Ex.^a tem no olhar a suavidade dos lagos de Genebra...»

—Ai! não me fale nisso; eu só tomo genebra quando estou mal da barriga; é uma espécie de flato que me dá as vezes; dizia o meu defunto que são gazes...

—Ah! não, não é isso que eu digo, minha senhora, eu refiro-me aos poeticos lagos de Genebra...

—Então tambem ha lagos dessa bebida?

—Não, alma candida...

—Maria, Maria da Conceição, uma sua criada.

— Bem sei, sr.^a D. Maria, mas eu refiro-me á doçura, á suavidade...

—Eu acho o licor de rosa mais doce e mais suave, a genebra é muito forte.

Receitas uteis

Para tirar calos

Conserva-se o pé que tiver os calos, num banho de azeite a ferver, durante 24 horas; depois dos calos cozidos, limam-se com uma lima grossa, fregem-se os bocadinhos da pele com manteiga e com uma gota de cuspo de galo em pó, até ficar em pomada que se aplica aos calos apertando-os num torno. Finalmente com um serrate corta-se o pé pelo tornozelo e os calos deixarão de existir.

Nem nós

Os cães estavam muito bem ensinados, sem contestação, o peor foi que ninguem percebeu o que eles fizeram.

CINEMATOGRAFO HIGH-LIFE

Neste magnifico salão continuam bastante concorridos os espectaculos cinematograficos, não se poupando a empresa a sacrificios para apresentar sempre as últimas novidades.

Definições

Olho—Orgão do corpo que o diabo esfrega rapidamente.

Dôr—Coisa desagradavel... nos cotovelos.

Batata—Tuberculo que devia ser plantado por muitos que só o comem.

Deputado—O meio termo entre a insignificancia do trombone de filarmónica e o genero intelectual. Alguns em vez de meio termo, são o meio... tinto.

Idade—Coisa difficil de saber nas mulheres.

Tipografo—Homem de letras... de chumbo.

Frigideira de miólos

Devido á insistencia de alguns amadores de churadas, resolvemos fazer reaparecer esta secção no proximo numero. Não será, porém, tão desenvolvida como dantes, porque o espaço de que disponos não no-lo permite.

A prosperidade do ignorante é um jardim sobre um chiqueiro.—*Proverbio oriental.*

Em publicação:

A VITIMA DE UM FRADE

Romance histórico de empolgante interesse
CADA TOMO MENSAL \$10 CENT.

Pedidos á Biblioteca do Povo—
Rua de S. Bento, 279—LISBOA.

—Mas não é dessa genebra que eu falo, eu refiro-me aos lagos placidos...

—Placido era o meu defunto que Deus haja...

—Aos lagos que ha em Genebra...

—Ah! agora percebi: então é a esses lagos que vão encher as botijas?

—Não, Genebra é uma cidade, nessa cidade ha lagos e nesses lagos...

—Ha genebra...

—Não, ha aguas dum azul profundo como o infinito, paisagens dum bucolismo adoravel, lendas como a de Guilherme Tell...

—Pois olhe que não lhe gabo o gosto a esse senhor Guilherme Teles...

—Porquê, minha senhora?

—Porque é um grande porcalhão: um homem que vive á beira de agua e tem lendas...

—Que heresia, sr.^a D. Maria! Guilherme Tell foi um heroe...

(Continúa)

Tipografia Caldense

DE

José da Silva Dias

Rua José Malhõa, 5 a 11

CALDAS DA RAINHA

(CASA FUNDADA EM 1906)

Trabalhos tipograficos em todos os generos tais como: Revistas literarias e scientificas, placards prospectos, memoranduns, facturas, participações de casamento, obras de livros, mapas, etc.

Trabalhos de luxo e de côres

SEMPRE EM DEPOSITO: Folhas agricolas, notas de expedição, guias de remessa, recibos de inscrições e coupons, para professores (renda de casa e expediente). Grande stock de impressos judiciais

Completo sortido em artigos de escritorio

Encarrega-se de todos os trabalhos de zincografia, galvanoplastia, fotogravura e carimbos de borracha

Modicidade nos preços

Perfeição e rapidez

Bilhetes postais ilustrados

Com lindas colecções de fantasia e lindas vistas de Caldas, Obidos e Peniche

Esta casa recebeu ha pouco um completo sortido de tipos de fantasia e vinhetas modernas, podendo assim competir com outras casas suas congeneres

Officina de encadernação anexa á Tipografia

Em cartão pergaminho, pasta, linho de 1ª qualidade, márfin e bristol. — **ULTIMA NOVIDADE em tipos de fantasia e de fino gosto, exclusivamente para este genero de trabalho**

Bilhetes de visita
DESDE 200 réis O CENTO